



## The devastating contagion of the SARS-COV-2 virus and the transformative contagion of the TSURUS

### O contágio devastador do vírus SARS-COV-2 e o contágio transformador dos TSURUS

KWECKO, Viviani Rios <sup>(1)</sup>; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros <sup>(2)</sup>  
ZASSO, Silvana Maria Bellé <sup>(3)</sup>

<sup>(1)</sup> 0000-0003-0278-2133; Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. [viviani.kwecko@gmail.com](mailto:viviani.kwecko@gmail.com).

<sup>(2)</sup> 0000-0002-6985-064X; Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. [gabynogueira@me.com](mailto:gabynogueira@me.com)

<sup>(3)</sup> 0000-0001-6091-3547; Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. [szasso2006@gmail.com](mailto:szasso2006@gmail.com)

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

#### ABSTRACT

Welcome to this house/address/residence constituted by affection and enchantment. Upon entering the experience narrated by this writing, we invite you to know the contributions of the Pedagogical Residency Program (RP) to teacher training during the implementation of the Literacy and Arts subproject developed at a Federal University do Rio Grande - FURG. The purpose of the text is to share moments that transformed the chaotic context caused by the SARS-COV-2 contagion into hope. If a virus prevented physical permanence in classrooms, the tactic was to contaminate virtual environments. For this, a collective practice was proposed between university, school and the students' families, in which writing, and aesthetics were intertwined. TSURU's origami, a character from Japanese culture, was chosen to represent the Tokyo/2021 Olympic Games and symbolize the sacred bird of health, luck, happiness, longevity, and fortune. The legend says that if a community folds a thousand birds, the gods grant their deepest wish. Thus, the residents' planning, in a new movement of collective contagion, was shared among the other 27 classes, comprising a total of 566 students, in order to outline the collective goal. The analysis of the results of the activity demonstrates the power of the Pedagogical Residency for initial and complementary training of academics by providing partnerships between teachers, students and family members. We envision an experience that transcends school and university walls and/or computer screens, breaking with a fragmented pedagogical practice.

#### RESUMO

Sejam muito bem-vindos a essa casa/morada/residência constituída por afetos e encantos. Ao adentrar a experiência narrada por essa escrita, convidamos a conhecer as contribuições do Programa Residência Pedagógica (RP) para a formação docente durante a implementação do subprojeto Alfabetização e Artes desenvolvido em uma Universidade Federal do Rio Grande - FURG. O objetivo do texto é compartilhar momentos que transformaram o contexto caótico provocado pelo contágio SARS-COV-2, em esperança. Se um vírus impediu a permanência física nas salas de aula, a tática foi contaminar os ambientes virtuais. Para isso, foi proposto uma prática coletiva entre universidade, escola e as famílias dos alunos, em que a escrita e o estético se entrecruzaram. O origami do TSURU, personagem da cultura japonesa, foi o escolhido para representar os Jogos Olímpicos de Tóquio/2021 e, simbolizar a ave sagrada da saúde, sorte, felicidade, longevidade e fortuna. A lenda diz que se uma comunidade dobrar mil pássaros, os deuses realizam o mais profundo desejo. Assim, o planejamento dos residentes, em um novo movimento de contágio coletivo, foi compartilhado entre as demais 27 turmas, compreendendo um total de 566 alunos, a fim de se traçar a meta coletiva. A análise dos resultados da atividade demonstra a potência da Residência Pedagógica para formação inicial e complementar dos acadêmicos ao propiciar parcerias entre professores, alunos e familiares. Vislumbramos uma experiência que transcende os muros escolares e universitários e/ou as telas dos computadores rompendo com uma prática pedagógica fragmentada.

#### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

##### Histórico do Artigo:

Submetido: 04/03/2022

Aprovado: 07/08/2022

Publicação: 10/10/2022



##### Keywords:

Pedagogical Residency;  
Remote Teaching; Tsuru;  
Teacher Training; School

##### Palavras-Chave:

Residência Pedagógica;  
Ensino Remoto; Tsuru;  
Formação Docente; Escola

## Introdução

*Casa arrumada é assim:  
Um lugar organizado, limpo, com espaço livre pra circulação e uma boa entrada de luz.  
Mas casa, pra mim, tem que ser casa e não um centro cirúrgico, um cenário de novela.  
Tem gente que gasta muito tempo limpando, esterilizando, ajeitando os móveis, afofando as almofadas...  
Não, eu prefiro viver numa casa onde eu bato o olho e percebo logo:  
Aqui tem vida...  
Casa com vida, pra mim, é aquela em que os livros saem das prateleiras e os enfeites brincam de trocar de lugar.  
Casa com vida tem fogão gasto pelo uso, pelo abuso das refeições fartas, que chamam todo mundo pra mesa da cozinha.  
Sofá sem mancha?  
Tapete sem fio puxado?  
Mesa sem marca de copo?  
Tá na cara que é casa sem festa.  
E se o piso não tem arranhão, é porque ali ninguém dança.  
Casa com vida, pra mim, tem banheiro com vapor perfumado no meio da tarde.  
Tem gaveta de entulho, daquelas que a gente guarda barbante, passaporte e vela de aniversário, tudo junto...  
Casa com vida é aquela em que a gente entra e se sente bem-vinda.  
A que está sempre pronta pros amigos, filhos...  
Netos, pros vizinhos...  
E nos quartos, se possível, tem lençóis revirados por gente que brinca ou namora a qualquer hora do dia.  
Casa com vida é aquela que a gente arruma pra ficar com a cara da gente.  
Arrume a sua casa todos os dias...  
Mas arrume de um jeito que lhe sobre tempo pra viver nela...  
E reconhecer nela o seu lugar. (Gino, 2011)*

Inspiradas pelo poema de Leda Gino (2011) trazemos a metáfora da casa/morada/residência para refletir sobre a experiência do Programa Residência Pedagógica (RP)<sup>1</sup>, especificamente do subprojeto Alfabetização e Artes desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. O propósito deste artigo é compartilhar alguns momentos vividos com grande intensidade, os quais transformaram o contexto caótico provocado pelo contágio SARS-COV-2 em um ambiente contagiado pela lenda dos *TSURUS*<sup>2</sup>. Assim, desde já desejamos que todos sejam muito bem-vindos a essa casa/morada/residência constituída por afetos e encantos de um grupo que outrora decidiu habitar a docência.

---

<sup>1</sup> Ao nos referirmos ao Programa da Residência Pedagógica utilizaremos RP.

<sup>2</sup> O origami do tsuru simboliza o desejo de saúde, felicidade e boa sorte. Será melhor explicado adiante.

Ao adentrar na experiência narrada por essa escrita vamos reconhecendo as contribuições da RP para a formação docente. Composto a Política Nacional de Formação de Professores, a RP tem como objetivo qualificar a formação dos licenciandos das diversas áreas do conhecimento a partir do contato com a realidade da educação básica. Um processo de familiaridade com o ambiente escolar capaz de promover em suas reais dinâmicas experiências significativas que ultrapassam as práticas oferecidas por disciplinas de estágio obrigatório. Sabemos que nem todos os estudantes de licenciatura têm a oportunidade de ter uma experiência de imersão duradoura na escola e, por consequência, acabam estabelecendo uma relação com a mesma somente por meio dos fundamentos teóricos a respeito da profissão. Nesse sentido, o programa da RP proporciona uma formação complementar em que o graduando, a partir da prática, estabelece correlações e confrontações com a teoria e avalia sua articulação com a realidade escolar. De acordo com Faria e Diniz-Pereira,

a presença da ideia de uma residência na formação docente denota, assim, a preocupação em se promover uma espécie de formação prática para os (futuros) professores, possibilitando a eles vivenciar processos formativos diretamente vinculados aos contextos escolares reais em que atuam (ou atuarão) (Faria & Diniz-Pereira, 2019, p. 344).

Convém salientar, ainda, que as escolas participantes da RP também são impactadas por essa inserção de estudantes licenciandos, quer seja pelo processo de formação continuada de seus professores que (re)estabelecem seu contato com o universo acadêmico atualizando conhecimentos e concepções pedagógicas; quer seja possibilitando ao professor a construção de novas trilhas de aprendizagens, de forma mais focada nas individualidades dos alunos, uma vez que conta com o apoio dos bolsistas. Sendo assim, em um movimento dinâmico e recíproco a universidade e a escola contribuem nos processos formativos dos diferentes sujeitos envolvidos: o residente, o professor e o aluno da graduação.

A construção de nossa casa/morada/residência foi estabelecida a partir de dois ambientes principais, espaços de intersecções para aprendizagens em Alfabetização e Artes a partir dos quais discentes dos cursos de Pedagogia e Artes Visuais co-criaram estratégias interdisciplinaridades. Aqui neste trabalho enfocamos a articulação entre o "desenho e a escrita como sistemas de representação" (Pillar, 1996, p. 15) no processo de alfabetização de crianças.

Partimos do pressuposto que alfabetização é uma "[...] prática sociocultural em que se desenvolvem as capacidades de produção de textos orais e escritos, de leitura e de compreensão das relações entre sons e letras" (Gontijo, 2008, p. 34). Neste sentido, o contexto em que ela ocorre é extremamente importante, pois as condições de acesso e uso vão possibilitando a construção de significados pelas crianças que estão aprendendo a ler e escrever, bem como a

apropriação e uso da língua escrita em diferentes espaços e formas. Para Soares (2004, p. 16) é importante que:

[...] a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas.

Neste sentido, criar no ambiente da sala de aula estratégias de ensino que envolvam o uso da escrita em diferentes gêneros textuais com o propósito de ensinar as suas finalidades promovendo eventos de comunicação que a linguagem escrita possibilita. Ainda conforme Soares (2001, p. 62) ressalta:

A aprendizagem do uso da escrita na escola, torna-se, pois, a aprendizagem de um sujeito capaz de assumir a sua palavra na interação com interlocutores que reconhece e com quem deseja interagir para atingir objetivos e satisfazer desejos e necessidades de comunicação.

Para que as crianças vivenciem esta perspectiva de ensino da escrita em sala de aula temos que trabalhar com suas diferentes facetas. Soares (2016, p.28) tem preconizado que a inserção no mundo da escrita apresenta três facetas principais: a linguística- alfabetização, a interativa - comunicação e a sociocultural - letramento. Neste sentido, acreditamos que a articulação de conhecimentos de diferentes campos conceituais favorece a interação e produção de significados no processo de alfabetização, contemplando tais facetas.

A articulação entre a alfabetização e a arte nesta experiência de RP foi conduzida pela ideia de aproximar estes dois campos de conhecimentos de forma interdisciplinar. Peralta (2012, p. 35) nos convida a refletir se “a práxis *inter* é possível, dadas as condições estruturais de nossos sistemas educacionais e culturais?” Podemos afirmar, a partir da experiência vivida em 2021, que existe esta possibilidade pois a RP e a inserção na escola nos mostraram que é possível a realização de um planejamento interdisciplinar por meio do diálogo entre as diferentes áreas, em momentos de reflexão acerca dos conteúdos e práticas.

Voltando à metáfora *casa*, aqui utilizada para referir a RP de alfabetização e artes, a entendemos como dinâmica e habitada por seres vivos, onde suas imperfeições também pulsam. Isso foi um grande desafio, ou seja, propor ações interdisciplinares diante do novo modo de ensino, pois apesar de toda a ideiação inicial de uma proposta interdisciplinar, ao nos deparamos com uma pandemia que exigiu o isolamento social o problema apresentado passou a ser: "como alfabetizar por meio das telas digitais?" A suspensão das atividades letivas

presenciais gerou a necessidade de estudantes e professores migrarem para o ensino on-line, designado como Ensino Remoto Emergencial (ERE). Repentinamente, todos tornaram-se *youtubers* produzindo vídeo-aulas, organizando videoconferências e documentando as experiências em plataformas. Apesar do tempo e do volume de trabalho dedicado a essas sistematizações, frequentemente as tecnologias foram pensadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino transmissivo.

Como acontece depois de um vendaval, foi necessário reconhecer os estragos estruturais, os reparos e as mudanças necessárias. Nesse caso, constatamos que nem todos tinham acesso a um dispositivo para as aulas, nem a pacotes de internet. Tampouco havia material escolar nas residências e as crianças não permaneciam atentas por muito tempo, pois, não raras vezes, era sobre a mesa da cozinha que o conhecimento, assim como alimento, era processado. Diante do desconhecido, a estratégia seguida foi retornar ao campo teórico em busca de referências a fim de criar uma interforma para uma Arte-alfabetização-digital. Recorremos à BNCC, os textos de Magda Soares (2001, 2003, 2004, 2019), Ferreiro (1985), Gontijo (2008), Morais (2005), Cleusa Peralta (2012), Susana Rangel (2019), Analice Pillar (1996) em busca de ferramentas que possibilitaram construir algumas estratégias de fuga. Nessa procura fomos percebendo que aquilo que mais assustava poderia ser a melhor estratégia: reconhecer a *casa* como território de aprendizagem, convocar as famílias como parceiras e utilizar a Arte para Alfabetizar a partir da estética dos afetos.

Assim, fortalecidas pela perspectiva teórica e metodológica, enfrentamos o desafio e adentramos na escola remota. Um ambiente que exigiu a escuta ativa a partir do qual cada residente comprometeu-se com seu processo investigativo de criação e experimentação de novos processos dos ambientes interativos, adequados à realidade dos alunos em um contexto de distanciamento social, bem como das materialidades da criatividade.

Para esta abordagem narrativa da experiência, apresentamos o recorte de uma vivência de integração estratégica desenvolvida durante a inserção dos residentes em uma das escolas parceiras por meio das plataformas de aprendizagem remota utilizadas pela rede municipal de educação como estratégia de ensino interativo da escrita e o estético dos TSURUS. Ao registrar o vivido buscamos conhecer os desafios e refletir sobre os rearranjos que construímos para um período tão desafiador, na tentativa de estabelecer uma generosidade com todo o sobressalto vivido.

### **Alfabetizar em uma casa/morada/residência**

Habitam em nossa casa/morada/residência 20 bolsistas do curso de Pedagogia e 10 bolsistas do curso de Artes; duas (2) professoras preceptoras/pedagogas e uma (1) professora

preceptora<sup>3</sup>/arte-educadora, todas vinculadas à Rede Municipal de Educação de Rio Grande (RS); e duas professoras orientadoras vinculadas aos cursos de Pedagogia e Artes Visuais da FURG. Entretanto, *residir* em meio às telas poderia transformar essa experiência em um aglomerado de estudantes universitários, uma vez que o fluxo de participação dos alunos das escolas nos encontros síncronos encontrava-se limitado às contingências de cada família quanto ao uso das tecnologias digitais. Corríamos o risco de contar com mais estudantes universitários (10 por preceptora) nas salas do *Google Meet* do que alunos da rede municipal. E qual foi a estratégia elaborada? O contágio, sim!!! Contagiar turmas de alfabetização nos diferentes adiantamentos com os agentes (bolsistas) da RP. Se um vírus impedia nossa permanência física nas salas de aula, a tática foi contaminar as salas virtuais. E, assim, estendemos a ação da RP para todo o ciclo de alfabetização escolar convocando artistas e alfabetizadoras para a cruzada representada pelo desafio de alfabetizar por meio das telas dos celulares. Foram 17 (dezessete) professoras que aceitaram esse convite para atuar como professoras formadoras de 3(três) acadêmicos no momento de regência de classe no período de ensino remoto, ampliando exponencialmente, a potência da proposta. Essa inserção ocorreu em uma dinâmica de planejamento alicerçada em 3 direcionamentos: (i) os planejamentos deveriam ser coletivos reunindo todas as professoras do mesmo nível e o grupo de bolsistas RP; (ii) os bolsistas eram responsáveis pela regência da proposta do encontro síncrono planejado, contando com a supervisão presencial das professoras formadoras voluntárias; (iii) as atividades necessariamente deveriam atravessar os campos da Alfabetização, da Arte e da Tecnologia.

Para essa narrativa selecionamos uma prática realizada junto aos terceiros anos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que reuniu inicialmente 3 professoras (1 formadora do programa e 2 formadoras convidadas). A temática de interesse dos alunos para o projeto foram os Jogos da XXXII Olimpíada, previstos para ocorrer em Tóquio 2020/Japão, porém transferidos devido à pandemia de SARS-COV-2 para o período de 23 de julho a 8 de agosto de 2021. Na figura 1, apresentamos o registro do início da problematização da atividade, durante o encontro síncrono dos residentes com as crianças, que culminou na escolha dos Origami como símbolo da cultura oriental.

---

<sup>3</sup> Adotaremos a expressão professoras formadoras por considerarmos mais adequado ao processo desenvolvido.

**Figura 1.***Atividades síncrona desenvolvidas na Escola X*

*Nota: Registro da regência de Classe via google meet -*

Ao abordar a cultura Japonesa durante os encontros com as crianças, os residentes identificaram certa curiosidade sobre os Origamis como a arte de dobrar papel. Durante os encontros para planejamento com as professoras formadoras foi escolhido o *TSURU* como ponto de partida para as pesquisas. O *TSURU* representa uma ave sagrada que simboliza saúde, sorte, felicidade, longevidade e fortuna. O origami do *TSURU* é associado às orações, sendo comumente oferecidos nos templos acompanhados de pedidos de proteção. Uma antiga lenda japonesa diz que se dobrarmos mil *TSURUS* os deuses realizam nosso mais profundo desejo. Por esse motivo, os mil *TSURUS* são dobrados com as mais variadas intenções. Na figura 02 podemos visualizar alguns *TSURUS* confeccionados pelas crianças com auxílio de seus familiares.

### ***TSURU*, muito além de um papel em dobra**

A atividade foi desenvolvida a partir de um vídeo gravado pelos residentes e compartilhado pelos professores da escola nos grupos de *Facebook*<sup>4</sup> e *Whatsapp* das turmas, como demonstrado na figura 3. No vídeo foi tratado sobre os significados do *TSURU* e demonstrado o passo-a-passo (tutorial) para a confecção do origami, convidando os alunos a participarem da produção coletiva, se necessário, com o apoio de seus familiares.

<sup>4</sup> [CAMPAÑA DE ARRECADAÇÃO DOS TSURUS](https://youtu.be/be2dg-J-kFg)- <https://youtu.be/be2dg-J-kFg>

**Figura 2.**

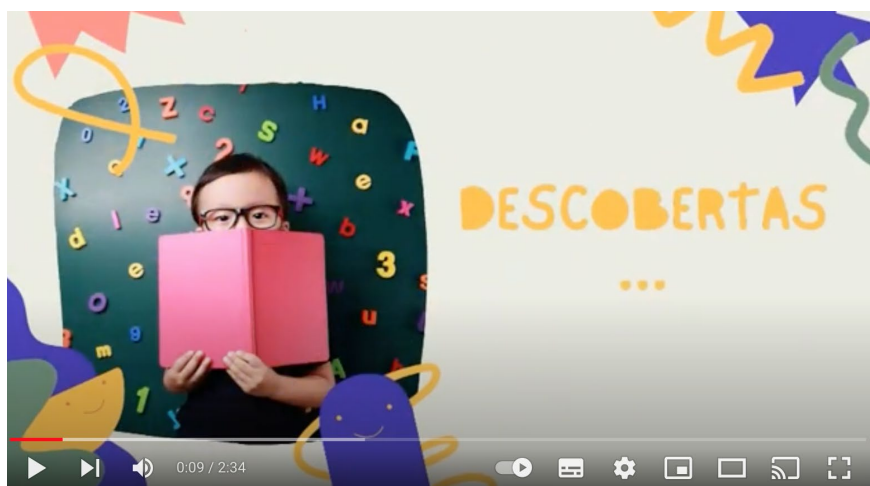
*Folhas de papel transformadas em esperança.*



*Nota: TSURU confeccionados*

**Figura 3.**

*Repositório Digital as atividades desenvolvidas*



*Nota: Canal do Youtube*



Qualquer papel poderia ser utilizado, o mais importante era encontrar no momento da dobra o seu principal desejo que deveria ser registrado com ajuda do familiar. Depois de dobrado o *TSURU* foi fotografado e postado no grupo de *WhatsApp* das turmas. Na figura 4 é possível observar alguns dos desejos registrados: força, amor, esperança e paz.

**Figura 4.**

*Dobradura dos TSURUS*



*Nota: Desejos registrados pelas crianças*

A adesão à atividade foi tamanha que o grupo assumiu o desafio de, assim como na lenda, produzir mil *TSURUS* que deveriam ser entregues para a escola. Para a arrecadação a escola organizou um encontro em uma pracinha próxima ao prédio escolar, respeitando as normas sanitárias de prevenção à SARS-COV-2. Assim, uma atividade inicialmente proposta pelos residentes para as turmas de alfabetização, em um novo movimento de contágio coletivo, passou a ser compartilhada entre as demais 27 turmas da escola, compreendendo assim um total de 566 alunos, a fim de se traçar uma meta coletiva: confeccionar mil *TSURUS*, envolvendo professores, alunos e familiares.

### Figura 5.

*Desafio coletivo que mobilizou toda a escola*



*Nota: Esforço da comunidade escolar na dobradura dos 1 mil TSURUS*

As experiências vivenciadas dentro do contexto do ensino remoto, potencializaram a interdisciplinaridade entre alfabetização e artes, efetivada na construção de atividades envolvendo ambas as áreas do conhecimento. Vilela e Mendes (2003) destacam que a interdisciplinaridade ocorre quando a interação existente entre duas ou mais disciplinas é capaz de modificar a relação entre os saberes, em que a construção de uma passa a depender claramente do outro.

Partindo do preceito que a criança aprende de forma integral e não de maneira isolada fez-se necessário conhecer a comunidade escolar, bem como compreender como o processo de planejamento das atividades estava sendo realizado. Nessa experiência, pode-se participar remotamente desse processo, e com isso, perceber o envolvimento entre a professora, os pais e os alunos. De acordo com Soares (2002, p. 9), “[...] a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento”.

Observamos na prática relatada que a interdisciplinaridade e a integração foram muito potentes nesse processo. Para Walgenbach (2000) essa finalidade comum dos sistemas somente poderá ser construída se compreendermos como se constrói o conhecimento sobre o próprio conhecimento, ou seja, a forma de obter metacognições. Sendo assim, o trabalho com

os *TSURUS* ampliou esses limites: não somente das áreas de Arte e Alfabetização, mas principalmente no alcance da RP no ambiente escolar.

Considerando essas linguagens sob outro ponto de vista, tomamos "o desenho e a escrita da criança como processos representativos do sujeito" (Pillar, 1996, p. 16). Mais do que escrever era preciso desejar. Um dos principais instrumentos foi essa aprendizagem construída na autonomia dos estudantes articulados nos momentos de planejamento das atividades, juntamente com as professoras formadoras e demais professoras da escola; nas aulas síncronas com as crianças e alguns familiares ampliando, de certa forma, a rede de interação.

Essa experiência possibilitou refletir sobre a prática pedagógica bem como entender o contexto atual de ensino e a necessidade de práticas mais abrangentes e lúdicas, especialmente considerando que para uma participação mais efetiva da criança era necessário a presença de um adulto/mediador no contexto familiar para auxiliar nas atividades escolares.

Sobre as práticas sociais envolvendo a língua escrita, Kleiman, (2008, p. 30) ressalta que "[...] o suporte do adulto nesses eventos de letramento é essencial, tanto como no processo de aquisição da oralidade, como também é essencial que o livro, a escrita, seja elemento significativo nessas interações". Sem esquecer, contudo, que a criança é o sujeito principal da educação e não um coadjuvante no processo. Assim sendo, é preciso conhecer sua perspectiva de mundo e partir do que ela já sabe buscando ampliar cada vez mais seu conhecimento.

### **Considerações Finais**

Ao narrar essa experiência pedagógica vivenciada ao longo de 2021 no âmbito no programa da Residência Pedagógica na Universidade Federal do Rio Grande - FURG no subprojeto Alfabetização e Artes fomos percebendo o quanto a metáfora casa/morada/residência abriga em sua tessitura os diferentes sujeitos envolvidos no programa como residentes e visitantes da *casa*. Utilizamos como mote o contágio do vírus SARS-COV-2 que tem sido devastador em todos os países, em especial, naqueles em que há negligência por parte dos órgãos competentes do governo como é o caso do Brasil, que até o momento contabiliza 644.286 mil mortes<sup>5</sup>. Transformamos a faceta negativa do contágio em esperança, por meio da lenda dos *TSURUS* que, como descrito ao longo do texto, é uma ave sagrada que simboliza saúde, sorte, felicidade, longevidade e fortuna. A experiência narrada contou com a participação ativa dos residentes (alunos da FURG), professores da educação básica, (tanto os preceptores envolvidos na RP como os demais professores da escola vinculada ao projeto), desde o planejamento até a realização da atividade, promovendo um expressivo engajamento da comunidade escolar, extrapolando a proposta inicial. Foram confeccionados mil *TSURUS* em uma ação que contribuiu para acender a esperança em dias melhores e na força do coletivo

---

<sup>5</sup> Dados atualizados no site <https://covid.saude.gov.br> referentes a 20 de fevereiro de 2022.

bem como no estreitamento dos vínculos entre universidade-escola e escola-família, imprescindíveis para a construção de um ambiente escolar fortalecido e de fato, pertencente a toda comunidade escolar.

Com isso, a importância da RP é ressaltada, dentre os diferentes objetivos que ela se propõe, pelo fato de propiciar parcerias potentes para formação inicial e complementar de futuros professores e dos já atuantes, respectivamente. Vale destacar, ainda, que este novo modelo de ensino instituído em decorrência do momento presente, desafia não só os professores, mas os alunos e suas famílias.

Desafio este que vai muito além da tecnologia, da alfabetização digital, desafio que permeia as relações entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, que demonstra o quanto as interações, as relações interpessoais, a coletividade são imprescindíveis para que consigamos passar por essa tempestade juntos e seguirmos para o outro lado da *margem da vida*, através da educação. Outrossim, do mesmo modo que a participação ativa da família no processo educativo da criança é fundamental, nesse contexto, a pandemia evidenciou o que há muito tempo vem sendo discutido no âmbito educacional.

## REFERÊNCIAS

- Castell, C. P. (2012). Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado. *Rio Grande: FURG*.
- Cunha, S. R. V. D. (2019). Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. *Para pensar a docência na educação infantil. Porto Alegre: Evangraf, 2019. P. 178-196*.
- Faria, J. B., & Diniz-Pereira, J. E. (2019). Residência pedagógica: afinal, o que é isso?. *Revista de Educação Pública, 28(68), 333-356*.
- Ferreiro, E., Teberosky, A., & Lichtenstein, D. M. (1986). Psicogênese da língua escrita (p. 300). *Artes Médicas*.
- Gino, L. (2011) Gino Blog da própria autora: <http://mundoparalelog.blogspot.com.br/2011/07/casa-arrumada.html>
- Gontijo, C. M. M. (2008). A escrita infantil. *São Paulo: Autores Associados*.
- Kleiman, A. (2008). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. *Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. São Paulo. Contexto*.
- Kobayashi, M. D. C. M., & Yamada, T. R. U. (2013). Origami e kirigami: arte e cultura como recurso lúdico e educativo. *Revista Ciência em Extensão, 9(3), 148-158*.  
<https://www.minutoseguros.com.br/quem-somos/lenda-tsuru>
- Morais, A. G. D. (2005). Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização. *MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T.*

Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 29-45.

Pillar, A. D. (2009). *Desenho e escrita como sistemas de representação*. Penso Editora.

Soares, M. B. (1999). Aprender a escrever, ensinar a escrever. *A magia da linguagem*, 2, 49-73.

Soares, M. (2003). A reinvenção da alfabetização. *Presença pedagógica*, 9(52), 15-21.

Soares, M. (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista brasileira de educação*, 5-17.

Soares, M. (2019). *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto.

Vilela, E. M., & Mendes, I. J. M. (2003). Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 11(4), 525-531.

Walgenbach, W., Parentoni, R., & Barbosa, F. A. R. (2000). Modos operativos de integração disciplinar nas ciências ambientais. *Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais. PNUMA/ORPALC: Rede de Formação Ambiental*, 5, 211-245.